

**Documentary and cinema-debate as strategy of action research in health: communicating dangers, building knowledge, promoting health**

## **| Documentário e cinedebate como estratégia de pesquisa-ação em saúde: comunicando perigos, construindo saberes, promovendo saúde**

### **ABSTRACT | Introduction:**

*In recent years, the expansion of the Industrial Complex of Suape Port (PICS) in the state of Pernambuco, with the implementation of large-scale projects, such as the Abreu e Lima Refinery and the Atlântico Sul Shipyard, has generated situations of socio-environmental vulnerability that affect the health and environment of the communities traditional areas located in the territory occupied by new productive activities of high polluting power. **Objective:** This article examines these processes of vulnerability from the social representation of subjects who live and work for Suape. **Methods:** Action research was conducted, following the principles of the ecosystem approaches to health through field visits, and structured interviews structured in six analytical categories using key phrases and central ideas of speech that resulted in the documentary "Suape, development for whom"? **Results:** Eight cinema discussions were carried out to validate the documentary, and discussions about the problems experienced in Suape as well as about intervention strategies in defense of health were conducted. **Conclusion:** It is concluded that the documentary was an appropriate communication strategy to the vulnerable population because it made possible the development of thematic discussions on health, health surveillance and environmental issues experienced in the territory, in an extensive and participative way, highlighting today and tomorrow's dangers and inconveniences. The documentary also made it possible to sketch out a series of critical elements that need to be ranked top priority in defense of health promotion and protection of the environment, expressed in the cinema debate.*

**Keywords |** Environmental health; Communication and health; Health promotion.

**RESUMO | Introdução:** Nos últimos anos, a expansão do Complexo Industrial Portuário de Suape (CIPS), em Pernambuco, com a instalação de grandes empreendimentos como a Refinaria Abreu e Lima e o Estaleiro Atlântico Sul, tem gerado situações de vulnerabilização socioambiental que afetam a saúde e o ambiente das comunidades tradicionais localizadas no território ocupado por novas atividades produtivas de alto poder poluidor. **Objetivo:** Este artigo analisa esses processos de vulneração a partir da representação social dos sujeitos que vivem e atuam em Suape. **Métodos:** Realizou-se pesquisa-ação, seguindo princípios da abordagem ecossistêmica em saúde através de visita de campo, entrevistas semiestruturadas sistematizadas em seis categorias analíticas utilizando Expressões Chave e Ideias Centrais do discurso do Sujeito Coletivo que resultaram no documentário "Suape, desenvolvimento para quem?". Foram realizados 16 cinedebates para validação do documentário e discussão sobre as problemáticas vivenciadas em Suape e estratégias de atuação em defesa da saúde. **Resultados:** O documentário e cinedebates foram instrumentos facilitadores ao processo de empoderamento das comunidades na luta pela defesa da saúde e direitos humanos. **Conclusão:** Revelar a vulneração, conflitos e injustiças ambientais considerando a subjetividade dos grupos afetados pelo CIPS possibilitou identificar elementos críticos que precisam ser priorizados no âmbito do sistema de saúde local para fazer frente às demandas de proteção e cuidado da saúde.

**Palavras-chave |** Saúde ambiental; Comunicação e saúde; Promoção da saúde.

<sup>1</sup>Instituto Aggeu Magalhães, Fundação Oswaldo Cruz. Recife/PE, Brasil.

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pernambuco. Recife/PE, Brasil.

## INTRODUÇÃO |

Nos últimos anos, o Brasil tem priorizado um modelo desenvolvimentista, neoliberal, com políticas que visam à reprodução e acumulação do capital mediante reprimarização da economia e de megaprojetos financiados pelo Programa de Aceleração do Crescimento (PAC).

Em Pernambuco ocorreu na última década a ampliação do Complexo Industrial Portuário de Suape (CIPS) mediante a construção de novas indústrias financiadas pelo PAC, reconfigurando o polo industrial para cadeia produtiva do petróleo. Essa reconfiguração tem ocasionado profundas transformações políticas, socioeconômicas e culturais, que repercutem negativamente na qualidade de vida nos territórios.

Dentre os diversos processos de vulnerabilização (conflitos ambientais, desterritorialização, destruição de ecossistemas, perdas simbólicas e materiais, perdas de direitos sociais, adoecimento, etc.) que a população local tem sofrido em decorrência da ampliação do CIPS, destaca-se a ausência de comunicação/informação/discussão sobre esse processo industrial que ignora questões de moradia/a expropriação no território, o acesso a serviços públicos e programas sociais (serviços de saúde, bolsa família, etc.); os impactos socioambientais, econômicos e culturais nas vidas das comunidades e os riscos e perigos introduzidos pelos processos produtivos que estão sendo implementados e que têm alto poder poluidor, como a refinaria de petróleo Abreu e Lima e a Petroquímica Suape.

O que poderia ser um exercício emancipatório, potencializado pelos avanços industriais e tecnológicos da modernidade, tornaram-se limitações para o acesso e participação da maioria, por questões sociais, econômicas, políticas, culturais, ideológicas e, especialmente, pelas disputas de poder, e que são sustentadas pela ausência do direito à comunicação. As comunidades e populações tradicionais são excluídas dos processos decisórios, justamente aqueles que mais sofrem processos de vulneração que causam danos à saúde e à vida, e os gestores e profissionais que atuam nas instituições que deveriam exercer proteção social, também não têm compreensão da magnitude e complexidade do CIPS, tampouco sobre como as novas indústrias introduzem novos perigos para a salubridade ambiental e para a saúde da população.

Os meios de comunicação de Pernambuco têm reforçado nos últimos anos o desequilíbrio das vozes dos afetados ao enfatizar em suas publicações o bônus dos empreendimentos econômicos e ocultar o ônus social, fragilizando a resiliência e organização social<sup>1</sup>.

Os movimentos sociais que têm se colocado contra o modelo de desenvolvimento econômico adotado não têm tido visibilidade relevante e a construção do conhecimento para a ação nesses contextos exige que a tomada de decisão seja efetiva mediante diálogo que ultrapassam fronteiras disciplinares para construção de novos saberes, metodologias e ações<sup>2-4</sup>.

Considerando as mudanças ambientais e os complexos fenômenos que reverberam na determinação social da saúde da sociedade contemporânea, é necessária uma reflexão que aproxima conhecimentos de diversos campos disciplinares como a sociologia, a antropologia, a saúde coletiva e a comunicação. Os impactos ambientais decorrentes da ação humana constituem um aspecto da complexa interação das pessoas com o meio ambiente. O conhecimento dos perigos está diretamente associado às reações que envolvem a percepção dos indivíduos, as suas experiências e vinculações com seu espaço de vida e suas relações com o mundo<sup>5</sup>.

A utilização de documentários como estratégia de comunicação e divulgação científica, com objetivo de veicular informações ao público em geral vem se mostrando eficaz.<sup>6</sup>

A pesquisa em saúde coletiva para mapear os processos de vulneração na saúde e ambiente e ao mesmo construir estratégias comunicativas para promoção da saúde foi o desafio no processo de doutoramento em saúde pública, que teve importante abordagem de pesquisa-ação e pesquisa militante<sup>7</sup>. Este artigo apresenta o resultado de um dos objetivos alcançados no estudo, na perspectiva de uma comunicação para ação das comunidades afetadas em defesa de sua saúde<sup>8,9</sup>.

Dessa forma, o audiovisual foi utilizado como recurso de construção de dados de pesquisa e como procedimento metodológico para discussão e validação mediante a realização de cine debates como forma de apreensão e reconhecimento do mundo a partir das representações sociais<sup>8,9</sup>. A ideia foi assumir um papel mais ativo e intervencionista.

O documentário tem como essência estabelecer asserções sobre o mundo histórico, no qual a narrativa é construída com imagens-câmera acompanhadas de falas, músicas e ruídos que determinam sua singularidade<sup>10</sup>.

Cada vez mais esse gênero tem atraído um crescente interesse na sociedade como um todo para além do entretenimento, seja como um processo educativo, ao utilizá-lo pedagogicamente no processo ensino-aprendizagem, seja como ferramenta metodológica de pesquisa, divulgação científica ou como uma forma alternativa de construção de saberes e conhecimentos para ser utilizado como estratégia de comunicação sobre determinado problema. Este último tem sido denominado pelo campo teórico da comunicação, de cinema militante, cinema urgente ou vídeo-ativismo e tem sido bastante difundido entre movimentos sociais e grupos civis organizados em torno de suas causas, especialmente os movimentos socioambientais<sup>8,11-19</sup>.

O uso do cinema em processos educativos também tem sido uma prática bastante utilizada. O cinedebate possibilita espaços de aprendizado pois permite a expressão de ideias, sensações, opiniões, que podem proporcionar formas de conexão com diferentes realidades e sujeitos bem como reflexões críticas, por mecanismos de projeção e identificação. A arte cinematográfica vem sendo utilizada pedagogicamente a partir do século XX e cada vez mais sendo aderida tanto na educação formal (educação básica, superior, pós-graduação e profissional) como na educação não formal, seja a partir de temas específicos, gêneros fílmicos, questões culturais, políticas ou outras razões motivadoras<sup>9,20,21</sup>. O cinedebate, portanto, ao promover o encontro de diversas e singulares expressões humanas e construção de formas criativas de fazer e pensar individual e coletivamente, configurou-se como uma metodologia criativa.

Para democratização dos processos decisórios e envolvimento das comunidades e organizações sociais na definição da instalação de novos empreendimentos é necessária a socialização das informações relativas aos riscos, perigos e alterações nos ecossistemas que dado território sofreria. Os movimentos sociais por justiça ambiental adotaram para si a promoção de estratégias de produção de conhecimento que incluam seus diferentes saberes e dimensões sociais, culturais, econômicas e institucionais vivenciadas pelo território em busca de equidade ambiental<sup>22</sup>.

## MÉTODOS |

Trata-se de um estudo de caso, qualitativo, seguindo princípios da abordagem ecossistêmica em saúde, que considera fundamental para a investigação e ação a identificação das relações entre as condições de saúde e seus processos de determinação social, cultural, ambiental, econômico nos espaços de vida modificados pela intervenção humana. O contexto é examinado em uma perspectiva dialógica, ao introduzir o discurso dos sujeitos que vivem e trabalham no local do estudo, como sujeitos de saber<sup>23-26</sup>.

Foi definida como estratégia de pesquisa a construção dos dados baseada em uma vivência participativa no território<sup>7</sup>, construindo dados mediante os discursos que circulavam sobre a transformação territorial ocasionada pelo complexo industrial de Suape, no intuito de alcançar a maior diversidade de sujeitos, neles inclusa a representação dos grupos vulnerados – aqueles que têm sofrido os diversos processos de vulnerabilização.

A pesquisa-ação como método se mostra como um caminho possível e promissor para pesquisas de intervenção que objetivam empoderamento de grupos populacionais vulnerados por políticas desenvolvimentistas por seu caráter inclusivo e dialógico e auxiliar nos processos de negociação onde existem conflitos e assimetrias de poder que desfavorecem a saúde e o ambiente<sup>25,27,28</sup>.

A pesquisa foi realizada no período de 2011 a 2017. Foram realizadas visitas de campo, registros audiovisuais do território e das entrevistas, registro no diário de campo, observação participante no Fórum Suape e nas atividades da Rede Estadual de Saúde do Trabalhador, além de busca por fontes de dados secundárias (jornais, sites, fotos, vídeos), relativas ao território de Suape e ao processo produtivo do petróleo em âmbito nacional que conformaram um extenso banco de dados (21 visitas de campo, 33 entrevistas, 1.320 horas gravadas, 2.982 fotografias). As entrevistas individuais foram realizadas com representantes dos segmentos: população local, sociedade civil organizada, controle social, meios de comunicação, instituições públicas e de ensino superior e pesquisa. Os critérios de seleção foram instituídos a partir de cada segmento.

Todo o registro audiovisual contou com apoio de uma equipe multidisciplinar (pesquisadores, comunicadores, e técnicos – fotógrafa, produtora, captador de áudio, editor

de imagens, etc.) para garantir a qualidade da captação. Como a ideia não era termos um roteiro pré-elaborado, foi construído o argumento do filme alicerçado em questões que defendiam o projeto do CIPS e questões que traziam posicionamentos contrários. Foi elaborado roteiro semiestruturado com questões sobre a chegada de novos empreendimentos industriais no CIPS e como repercutiam na vida (ambiente e saúde) do território.

Para escolha das representações locais, foram necessárias visitas exploratórias às comunidades de Suape, bem como conversas informais com sujeitos que atuam no território com o intuito de identificar as comunidades em maior situação de vulneração. A observação participante tanto no Fórum Suape Espaço socioambiental, quanto a atuação na Gerência de Saúde do Trabalhador da Secretaria de Saúde de Pernambuco, também foram cruciais para articulação e definição dos participantes. Foram eleitos informantes das principais comunidades afetadas pelo CIPS: Engenho Serraria, Gaibu, Vila Socó, Salinas, Ilha de Tatuoca, Praia de Suape e Vila de Nazaré, todas da Zona da Mata Sul de Pernambuco.

Todas as entrevistas foram gravadas em meio digital de imagem e áudio, além de registro fotográfico. Para tal, foi utilizado como equipamento: câmera DSLR profissional Canon 7D, lentes grande angular e *zoom*, microfone direcional acoplado em gravador. A pesquisa teve apoio de transporte dos Centros Regionais de Saúde do Trabalhador de Goiana e Cabo de Santo Agostinho. Foi considerado o critério de saturação, ou seja, quando, a partir das representatividades, as respostas começaram a ter uma repetição em seu conteúdo.

Para construção do roteiro do documentário, foi realizada análise do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), um método utilizado para analisar as representações sociais compreendendo suas duas dimensões - individual e coletiva - de forma articulada, presentes em cada formação sociocultural em relação a um determinado tema, reunindo o semelhante e o diverso<sup>29</sup>. Após leitura das respostas foram selecionadas as Expressões Chaves (ECHs) e respectivas Ideias Centrais (IC). Por último, agruparam-se os discursos em categorias elaboradas a partir dos conjuntos formados pelas IC semelhantes<sup>29</sup>.

Buscou-se mostrar a maior variedade de discursos, considerando a polifonia de vozes, ou seja, a maior diversidade de IC e de sujeitos distintos que apresentaram

pensamentos com pontos em comum e contraditórios. Nem todas as imagens captadas foram aproveitadas no documentário, sendo possível ainda, a realização de outras análises futuras. Considerou-se IC dos discursos de 23 sujeitos para o processo de edição do documentário, e para tal foi utilizado o *software Adobe Premiere Pro*, intercalando falas com imagens coletadas durante o trabalho de campo, com a produção de textos e trilha sonora original, com base no referencial teórico do estudo.

As sessões de cine debate foram realizadas no período de setembro de 2015 a julho de 2017, algumas organizadas pela equipe de pesquisa, e outras promovidas em parceria por grupos interessados na atividade, seja conjugado com um evento maior, seja exclusivamente organizada para tal fim. Cada sessão sofreu pequenas adaptações conforme local e público, mas todas seguiram um padrão na sua formatação, com a divisão do cine debate nos seguintes momentos: a) apresentação do filme b) exibição do documentário; c) roda de conversa – debate mediado pela diretora e/ou convidados com a participação livre de depoimentos, comentários sobre o filme e perguntas, esclarecimentos aos debatedores; d) encerramento, procurando discutir algumas possibilidades/encaminhamentos possíveis de superação dos problemas apresentados e discutidos em defesa da saúde e da vida. Em cada sessão, eram realizados registros da frequência dos participantes, registro fotográficos e anotações em diário de campo dos principais pontos discutidos para compor o relatório da pesquisa.

## RESULTADO/DISCUSSÃO |

O documentário *Suape: desenvolvimento para quem?* foi finalizado em setembro de 2015 com duração de 28 minutos, e após o lançamento o vídeo foi hospedado no site *YouTube* para livre acesso e download<sup>1</sup>. Foi criada uma página para divulgação do documentário no *Facebook*<sup>2</sup> onde foram anunciados os cine debates, postadas fotos das atividades realizadas e realizada interação com as pessoas interessadas pelo tema.

O documentário apresenta parte dos processos de vulnerabilização e injustiças socioambientais gerados nas comunidades do território de Suape durante a

<sup>1</sup>Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xargRbGpSgI><sup>33</sup>.

<sup>2</sup><https://www.facebook.com/Suapedesenvolvimentoparaquem>.

implementação de novas indústrias, a partir dos anos 2000, composto das Ideias Centrais analisadas com fundamento nas entrevistas de cada sujeito, sistematizadas em cinco categorias construídas:

**1) Desenvolvimento econômico como aspecto positivo** – revela-se nas falas um otimismo exacerbado e um discurso em consonância com a visão de empresários e políticos que estão à frente das novas indústrias de Suape, avaliando como bom resultado a geração de emprego e novos investimentos. Defende o modelo econômico neoliberal que fomenta prosperidade em curto prazo, ofertando a melhoria nas condições materiais de vida sem sustentabilidade.

**2) Insustentabilidade do desenvolvimento econômico** - Representado pelos segmentos da academia e da população residente nas comunidades, as falas apresentam crítica ao crescimento a qualquer custo, mediante um modelo destruidor, voltado para poucos, o qual tem modificado o território que tinha um funcionamento turístico. Segundo os depoimentos, a destruição dos ecossistemas para a implementação de indústrias não respeitou os direitos das pessoas, e esse processo vem se dando com o apoio do Estado, inclusive para modificar a legislação que protegia áreas de preservação permanente e áreas de reforma agrária.

**3) Processos de vulneração no território e na saúde** – Nos discursos agrupados nessa categoria são apresentados vários processos que afetam o ambiente como contaminação – águas, ar e solo que impactam negativamente nos ecossistemas – e os processos de expropriação dos moradores com violência, proibição de cultivo, e realização de benfeitorias em suas moradias. As falas que refletem os problemas na saúde das pessoas e de suas famílias fazem uma relação direta entre as chegadas de novas indústrias e os processos de adoecimento, seja decorrente da reformulação territorial que gera desterritorialização, poluição ambiental ou exposição a componentes químicos ou por modificar drasticamente o modo de vida das famílias e que resulta em adoecimento mental, mudança nos hábitos alimentares, descontinuidade de modos de produção artesanal. Percebe-se aumento de casos e problemas relacionados ao processo saúde-doença, tanto nos relatos como em diagnósticos oficiais dos municípios (Cabo de Santo Agostinho e Ipojuca) que sediam o complexo industrial<sup>34</sup>.

**4) Deficiência da atuação do Estado** – A falta de serviços públicos é um aspecto identificado nas falas, demonstrando a grande falta de proteção social, em um contexto que gera mais vulneração nas comunidades que já vivem em situação precária e desassistida, acumulando danos aos territórios e populações expostas direta ou indiretamente às nocividades geradas. Percebe-se como grande problema a falta de serviços assistenciais de saúde de uma forma geral, sobretudo na vigilância em saúde e atenção primária em saúde, que deveria organizar a rede de saúde com a perspectiva territorial. A gestão ambiental do Estado reconheceu a alta periculosidade do polo petroquímico à luz dos diversos acidentes ocorridos em outros polos do Brasil e do mundo, porém não tem atuado de forma precaucionária, ao contrário, tem modificado a legislação de áreas de proteção permanente para poder autorizar a instalação de novas indústrias, além de os programas de mitigação de danos não funcionarem.

**5) Ausência de processos participativos, informativos e comunicativos** - A ausência de conhecimento sobre o polo industrial é destacada tanto pela falta de diálogo entre os representantes do Estado e das indústrias, como por outros espaços como os meios de comunicação (jornal, televisão, etc.). As audiências públicas, que são obrigatórias e deveriam explicar para a população sobre os empreendimentos a serem instalados, são realizadas apenas para cumprimento de exigência legal, geralmente (ou propositalmente) com pouca divulgação e antecedência. Os relatos reforçam que as audiências são única e exclusivamente para aprovar os projetos já estabelecidos, sem possibilidade de real discussão e ou modificação sobre os impactos gerados pela nova cadeia produtiva.

O audiovisual, além dos discursos descritos, reuniu outros elementos semióticos em sua linguagem - imagens, sons, textos, luz, enquadramento, silêncios - os quais possibilitaram no documentário Suape que os espectadores vivenciassem um pouco as realidades apresentadas, mesmo que pelo simulacro representativo da tela. Mesmo compreendendo que a subjetividade da documentarista/pesquisadora está presente no documentário resignificando a realidade retratada, trazendo outros contextos, inclusive na escolha dos sujeitos e falas no momento da edição, em Suape, desenvolvimento para quem? foi elaborado priorizando a diversidade de vozes representativas do território, trazendo os diferentes pontos de vista do sistema produtivo, dos indivíduos e técnico, perspectivas que dão lugar a um sistema dinâmico de relações, onde os pontos

de vista se interinfluenciam fortemente e o seu conjunto entrelaçado no documentário, visto a posteriori, permite novas influências. Segundo depoimentos de grande parte dos espectadores, o documentário teve êxito nessa questão.

A concepção estética do documentário se aproxima das características do cinema militante: produção de base coletiva, crítica com os conteúdos veiculados pela mídia em relação ao oprimido, vontade de construir meios alternativos de produção e circulação, para se contrapor aos meios comerciais. Pretendeu-se trazer a crítica em relação ao desenvolvimento econômico predominante nas comunidades do CIPS e também um aspecto de denúncia.

A seguir será apresentado como o documentário foi trabalhado na prática de cine debates, e como foi possível discutir sobre o processo saúde/vulneração socioambiental longe dos espaços legitimados dos serviços de saúde ou academia.

Cada sessão teve público oriundo de diferentes segmentos – comunidades do território de Suape, instituições governamentais e não governamentais, pesquisadores, sindicatos, profissionais de saúde – e, em alguns dos cine debates esses segmentos eram mais heterogêneos, enquanto em outros, compostos praticamente de uma representatividade.

Para análise dos cine debates, o material foi organizado em unidades narrativas, por principais temas e ideias com base nas impressões apreendidas de cada sessão, bem como descrição de cada encontro, observando o público presente, o local, data e eventos associados.

*A priori* não estava no planejamento da pesquisa a realização de um grande número de cine debates. Mas o interesse despertado pelos sujeitos sociais nos levou a realizá-los. Estavam programadas a realização de uma sessão para o lançamento oficial – com público heterogêneo –, uma sessão mais voltada para o espaço acadêmico, e uma terceira em uma das comunidades do território de Suape. Porém, com o lançamento e divulgação em mídias sociais (página do filme no *Facebook*, *YouTube*, etc.), imprensa e também na divulgação das pessoas que assistiam ao documentário, surgiram convites para novos encontros por parte dos que aderiram ao projeto de pesquisa, e universidades, eventos científicos, instituições diversas tiveram interesse em exibir o filme e promover o debate entre seu próprio público.

O interesse pelo tema de Suape deve-se também provavelmente à ausência de um efetivo reconhecimento das diferentes vozes e opiniões sobre os grandes empreendimentos que vêm sendo instalados em Pernambuco, como se pôde observar em estudo desenvolvido anteriormente<sup>30</sup>. Além dos cine debates, o documentário foi inscrito em festivais de cinema, sendo aceito em dois: 13<sup>o</sup> Cine Amazônia Festival Latino Americano de Cinema, Porto Velho/Rondônia e VI Festival Internacional do Filme Etnográfico do Recife, ambos em 2015.

Ao todo foram realizados 16 cine debates no período de novembro de 2014 a maio de 2017, que contaram com a participação de 936 espectadores. A maioria das exibições aconteceu na cidade de Recife (doze), duas no município do Cabo de Santo Agostinho, uma na cidade de Porto Velho, Rondônia e uma em Natal, Rio Grande do Norte.

Para os debates planejados pela equipe de pesquisa, buscou-se garantir entre os debatedores, sujeitos representantes de diferentes segmentos, com o intuito de sempre representar a fala da população moradora, de uma instituição atuante, seja organização social, governamental ou instituição acadêmica, para garantir distintos lugares de fala desde as primeiras observações pós exibição. A ideia principal era realizar o debate pela perspectiva da ecologia de saberes, onde o saber popular não estaria subjugado ao saber técnico ou científico.

Em relação ao público, pôde-se observar que houve a participação de pessoas das mais variadas origens, como estudantes de distintos níveis e cursos (ensino básico, graduação, pós-graduação), professores, pesquisadores, representantes dos movimentos sociais - em especial o Fórum Suape - conselheiros de saúde, profissionais da saúde, representantes de sindicatos, associações diversas, consultorias e organizações ambientais públicas e privadas, moradores das comunidades de Suape, público em geral, formado por pessoas que não conheciam muito sobre Suape e tiveram curiosidade de comparecer, e/ou que tinham interesses pelas questões socioambientais. Essa variedade de pessoas fomentou bastante discussão nos encontros.

Os participantes, ao se identificarem com certas cenas do filme, relataram situações de suas vidas, compartilhando experiências, colocando-se como sujeito da sua história, e refletindo sobre os desafios para o futuro. Os relatos

de vida produzem reflexões e possibilitam despertar uma nova compreensão da situação, entendendo e apreendendo melhor a complexidade de Suape ao mesmo tempo em que ocorrem trocas de experiências, além de fomentar estratégias de articulação em redes para melhorar as condições de vida e acessos a bens e serviços das comunidades.

A promoção da saúde, neste caso, é materializada tanto no processo de reforço das capacidades dos indivíduos e das comunidades pelo processo de construção de saberes, como pela criação de espaços democráticos para discussões sobre as condições de saúde e os fatores sociais que a determinam incitando a participação no controle de políticas públicas como um elemento imprescindível para modificação da realidade identificada. É o cinema possibilitando estabelecer relações e encontros exteriores a um eu, a partir de outro/s.

A pergunta do título do documentário - Suape, desenvolvimento para quem? - fomentou muita discussão sobre o modelo de desenvolvimento adotado em Suape. Interessante observar que muitos dos espectadores iniciaram seu comentário embasados na reflexão dessa pergunta e que de forma hegemônica respondem que o desenvolvimento não é para o povo, não é para eles e não é para a maioria das pessoas, mas é para atender uma minoria.

Os riscos e perigos decorrentes do polo petroquímico também são preocupações recorrentes nos debates, tanto na perspectiva dos moradores, sindicalistas e estudantes como na dos gestores e conselheiros, especialmente de trabalhadores e gestores da Vigilância em Saúde e da Saúde do Trabalhador. Os grandes desastres como vazamento de petróleo e acidentes com armazenamento e transporte do óleo e seus derivados vivenciados em outros polos petroquímicos foram sempre lembrados pelos participantes como um grande temor para Suape, além de terem a compreensão que acidentes ocorreram durante as diversas obras industriais do CIPS, mas não tiveram o registro oficial nos sistemas de informação de saúde. Pequenos vazamentos dos petroleiros foram denunciados como responsáveis pela contaminação das águas, denúncias mobilizadas pelos sindicatos sobre vazamentos de produtos químicos, e adoecimentos de trabalhadores são vivenciados de forma escamoteada<sup>31</sup>.

Profissionais, conselheiros e gestores de saúde percebem a problemática de Suape como um grande desafio e relatam de

forma unânime que é preciso melhorar a atuação da gestão pública da saúde trazendo como parceiros os tomadores de decisão, para que estes possam compreender a inter-relação entre os processos produtivos, o ambiente e a saúde e a necessidade de construção de indicadores de saúde, tanto para vigilância como ações de monitoramento e promoção de saúde de forma participativa e territorializada. Esse consenso não é suficiente, mas é fundamental tanto para o reforço da ação comunitária como apoio para a reorientação do sistema de saúde.

Uma questão sempre levantada nos debates é sobre a possível associação entre o CIPS e os ataques de tubarões na orla de Recife. A construção do porto de Suape, alterou diversos aspectos da fauna marinha do litoral sul do estado, tanto na degradação ambiental como com o aumento do tráfego de embarcações. Pesquisadores discutem que o porto é o principal responsável pela alteração da movimentação dos tubarões-tigre fazendo-os mudar sua rota e aproximar-se da região litorânea do Recife. A elevação da taxa de ataques - 53 ataques com 20 mortes de tubarão (1992-2013) - coincidiu com a construção do porto e a implementação do Complexo Industrial<sup>2</sup>.

O que se destaca nas falas das pessoas que vivem nas comunidades são os relatos sobre como o polo de Suape tem prejudicado a vida e o trabalho dos moradores, o meio ambiente, a cultura da pesca e coleta de mariscos, além das violações de direitos. Os pescadores artesanais e marisqueiras falaram sobre o desrespeito aos seus saberes populares e suas formas de viver. Apesar de utilizarem os recursos naturais, têm uma prática de respeito aos bens comuns, à fauna e à flora marinha. Segundo eles, bens que as obras de Suape (construção das indústrias, dragagem do canal, obras de infraestrutura, etc.) estão destruindo, causando danos no ambiente, na saúde, na economia e na cultura local.

Em alguns momentos, as discussões eram marcadas pelas demandas das comunidades e como elas vêm sendo vulneradas desde o início da implantação do Porto de Suape nos anos 1970 e, de maneira mais acentuada, com essa ampliação a partir dos anos 2000. Na maioria dos debates, surgiram relatos emocionantes de moradores que sofreram e/ou sofrem processos de desterritorialização, vulneração e injustiças. Por meio das imagens do documentário pôde-se perceber diversos espectadores se reconhecendo, reconhecendo seu território, amigos

e familiares no vídeo. Mas também algumas das falas apresentavam revolta e força para resistência, para lutar por suas convicções e para se unirem a movimentos que têm surgido na busca de melhorias e mudanças aos quadros desoladores instalados.

Há muito tempo, Paulo Freire dizia que o saber de um ser não se sobrepõe ao saber de outro, eles são relativos entre si<sup>35</sup>. Dessa forma, em cada cine debate, o microfone era aberto para que os participantes pudessem se expressar, trazer seu relato pessoal, questionamentos, dúvidas, protestos, criticar ausências no filme, concordar com as falas apresentadas ou discordar delas, autorizando assim a fala de todos como relevante. O cinema aqui teve um papel de potência criadora, política e de promoção da saúde para o desenvolvimento sustentável. A perspectiva da promoção da saúde é justamente a articulação de saberes técnicos e populares que possam contribuir na mobilização para o enfrentamento dos problemas relativos à saúde da sociedade a partir de múltiplas estratégias, medidas e atores de forma participativa<sup>36</sup>.

Bergala<sup>37</sup> afirma que o cinema possibilita outras formas de inteligência, de iniciativa e modos de expressão, em um processo projeção/identificação/diferenciação, no qual o espectador vive as emoções. E quando ele é experimentado como vivência cultural e não como suporte pedagógico de um conteúdo específico, ele consegue atribuir uma perspectiva formadora proporcionada pela linguagem cinematográfica: “Ela se dá cada vez que a emoção e o pensamento nascem de uma forma, de um ritmo, que não poderia existir senão através do cinema”<sup>37</sup>.

Os elementos constitutivos da linguagem audiovisual – planos, movimentos de câmera, trilha sonora, depoimentos, montagem, luz, silêncios, etc. – são recursos que influenciam na atenção e emoções do espectador durante a projeção e que tendem a ser revividas ao se debater sobre o filme. Além disso, a discussão e o compartilhamento de saberes e experiências contribuem para reformulação de práticas, que podem repercutir em políticas públicas, e/ou formação de grupos que, unidos, conseguem dar maior resolutividade aos seus problemas, trazendo-os para o caso aqui apresentado. Um possível prosseguimento deste trabalho seria avaliar o desdobramento das discussões dos cine debates na prática do SUS.

## CONCLUSÃO |

O documentário possibilitou dar voz a diversos sujeitos implicados e a evidenciar as tensões e conflitos de interesse no momento histórico em que esse território está sofrendo rápidas e profundas transformações.

Buscou distanciar-se da ideia de imparcialidade e objetividade trazida no discurso jornalístico e também da ciência positivista e realmente foi assumido no processo de construção que o ponto de vista da representação da realidade registrada seguiu a perspectiva da análise crítica, tendo como suporte o referencial teórico utilizado ao longo da pesquisa – abordagem ecossistêmica em saúde, saúde coletiva, saúde do trabalhador e ambiental.

Foram revelados os discursos que, usualmente, não encontram espaços para se manifestarem, especialmente em formatos como o audiovisual, que em geral, causa um impacto instigante no ver-ouvir-refletir.

Os cine debates promoveram encontros entre as pessoas que vivenciam, com sua singularidade, a problemática tratada no documentário e, com isso, colaborar para a construção de laços de solidariedade e empoderamento para os processos de organização e enfrentamento das situações de violações de direitos e injustiças ambientais, ao mesmo tempo em que permite aproximá-las das experiências que vivem e produzem em sociedade. Foram momentos importantes de promoção da saúde os quais extrapolaram a construção do documentário como estratégia de comunicação em si. A validação dos resultados com os sujeitos afetados e participantes da pesquisa, mediante cine debates, foi uma inovação importante no método na medida que favoreceu a crítica e o empoderamento observado na fala de alguns desses atores sociais. Possibilitou, também, colocar o tema de Suape em pauta de uma forma praticamente pouco apresentada para a população e promover debate sobre as questões observadas.

## AGRADECIMENTOS |

Este trabalho recebeu financiamento da Coordenadoria de Cooperação Social/Presidência da Fundação Oswaldo Cruz/Rio de Janeiro, Edital nº 01/2009 e apoio para finalização do Projeto de pesquisa “Vulnerabilidade socioambiental relacionada à exposição química nos

territórios de desenvolvimento das cadeias produtivas de petróleo e das consumidoras de agrotóxicos”, financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq processo 481754/2013-0. A principal autora do trabalho recebeu bolsa durante o doutorado pela Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e apoio para desenvolvimento de parte do projeto da Ekosanté/CoPEH-LAC, financiada pelo Centro Internacional de Pesquisa para o Desenvolvimento do Canadá (IDRC) número de concessão 107036-005.

## REFERÊNCIAS |

1. Santos MOS, Gurgel AM, Oliveira GH, Gomes IMAM, Gurgel IGD, Augusto LGS. Análise crítica do discurso da mídia impressa sobre a saúde e o ambiente no contexto da instalação da refinaria de petróleo em Suape, PE. R Eletr de Com Inf Inov Saúde [Internet]. 2012 [acesso em 21 mar 2014]; 6(4). Disponível em: URL: <<https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/623/1263>>.
2. Weihs M, Mertens F. Os desafios da geração do conhecimento em saúde ambiental: uma perspectiva ecossistêmica. Ciênc Saúde Coletiva [Internet]. 2013 [acesso em 15 mar 2015]; 18(5):1501-10. Disponível em: URL: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232013000500036&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232013000500036&lng=en&nrm=iso&tlng=pt)>.
3. Dias EC, Hoefel MG. O desafio de implementar as ações de saúde do trabalhador no SUS: a estratégia da RENAST. Ciênc Saúde Coletiva [Internet]. 2005 [acesso em 1 set 2016]; 10(4):817-27. Disponível em: URL: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232005000400007&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232005000400007&lng=en&nrm=iso&tlng=pt)>.
4. Machado JMH. Processo de vigilância em saúde do trabalhador. Cad Saúde Pública [Internet]. 1997 [acesso em 23 set 2016]; 13(Supl. 2):S33-45. Disponível em: URL: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-311X1997000600004&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X1997000600004&lng=en&nrm=iso&tlng=pt)>.
5. Costa EA, Rangel-S ML, organizadoras. Comunicação em vigilância sanitária: princípios e diretrizes para uma política. Salvador: EDUFBA; 2007.
6. Massarani L, Moreira IC, Brito F. Ciência e público: caminhos da divulgação científica no Brasil. Rio de Janeiro: Casa da Ciência; 2002.
7. Bringel B, Varella RVS. A pesquisa militante na América Latina hoje: reflexões sobre as desigualdades e as possibilidades de produção de conhecimentos. Rev Digit Direito Adm [Internet]. 2016 [acesso em 20 out 2017]; 3(3):474-89. Disponível em: URL: <<http://www.revistas.usp.br/rdda/article/view/115609>>.
8. Pinheiro EM, Kakehashi TY, Angelo M. O uso de filmagem em pesquisas qualitativas. Rev Latino-Am Enfermagem [Internet]. 2005 [acesso em 13 abr 2017]; 13(5):717-22. Disponível em: URL: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-11692005000500016&lng=pt&nrm=iso&tlng=en](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692005000500016&lng=pt&nrm=iso&tlng=en)>.
9. Cavalcante FG, Lau LF, Barbosa GF, Berlim DLG, Menezes NC, Braga DC, et al. Impactos de um documentário sobre o cotidiano de mães e filhos com deficiência: uma análise de cine debates. Ciênc Saúde Coletiva [Internet]. 2016 [acesso em 15 abr 2017]; 21(10):3071-80. Disponível em: URL: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232016001003071&lng=pt&nrm=iso&tlng=en](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232016001003071&lng=pt&nrm=iso&tlng=en)>.
10. Ramos FP. Mas afinal... O que é mesmo documentário? São Paulo: SENAC; 2008.
11. Camargo BV, Barbará A, Bertoldo RB. A influência de vídeos documentários na divulgação científica de conhecimento sobre a Aids. Psicol Reflex Crít [Internet]. 2008 [acesso em 28 out 2015]; 21(2):179-85. Disponível em: URL: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-79722008000200003&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722008000200003&lng=en&nrm=iso&tlng=pt)>.
12. Sá EC, Torres RAT. Cinema como recurso de educação em promoção da saúde. Rev Med [Internet]. 2014 [acesso em 1 nov 2016]; 92(2):104-8. Disponível em: URL: <<http://www.revistas.usp.br/revistadc/article/view/79580/83593>>.
13. Melo CTV. Ética, estética e política no vídeo Vida Estelita. In: 38. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação [Internet]. 2015 set 4-7; Rio de Janeiro, Brasil [acesso em 13 mar 2017]. Disponível em: URL: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-1027-1.pdf>>.

14. Menezes SF, Duarte AJC. Reflexões sobre saberes e práticas em saúde ambiental a partir do documentário Boca de Lixo. *Ciênc Ensino* [Internet]. 2007 [acesso em]; 1(nº esp):Não paginado. Disponível em: URL: <<http://www.midiass.epsv.fiocruz.br/upload/ArtCient/26.pdf>>.
15. Von Hohendorff J, Habigzang LF, Rodrigues LS, Koller SH. Produção e utilização de um documentário sobre violência sexual contra meninos. *PSICO* [Internet]. 2012 [acesso em]; 43(2):228-36. Disponível em: URL: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/11700/8046>>.
16. Sotomaior GB. Cinema militante, videoativismo e vídeo popular: a luta no campo do visível e as imagens dialéticas da história. Campinas. Tese [Doutorado em Multimeios] – Universidade Estadual de Campinas; 2014.
17. Dantas AA, Martins CH, Militão MSR. O cinema como instrumento cidadão para a abordagem de problemas bioéticos: uma reflexão sobre a eutanásia. *Rev Bras Educ Med* [Internet]. 2011 [acesso em 1 nov 2016]; 35(1):69-76. Disponível em: URL: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-55022011000100010&lng=pt&nrm=iso&tlng=en](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022011000100010&lng=pt&nrm=iso&tlng=en)>.
18. Figueiró RA, Costa Neto CL, Sousa RC. Transpondo limites: o cinema na pesquisa-intervenção e o documentário enquanto estratégia de empoderamento em saúde mental. *QUIPUS* [Internet]. 2014 [acesso em 13 abr 2017]; 1(2):57-66. Disponível em: URL: <<https://repositorio.unp.br/index.php/quipus/article/view/160/169>>.
19. Loizos P. Vídeo, filme e fotografias como documentos de pesquisa. In: Bauer MW, Gaskell G, organizadores. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. 12. ed. Petrópolis: Vozes; 2014. p. x-x.
20. Xavier JJS, Dewulf NLS, Peres CM, Barros GC, Pfrimer K, Nakao CS, et al. Cinema: uma ferramenta pedagógica e humanista para temas em saúde-educação (a experiência do CineSocial). *Med (Ribeirão Preto Online)* [Internet]. 2011 [acesso em 15 abr 2017]; 44(3):260-6. Disponível em: URL: <<http://www.periodicos.usp.br/rmrp/article/view/47434/51162>>.
21. Lima JD, Lima AEF, Mansanera AR, Lima AMT. Projeto educação e cinema: uma proposta educativa no hospital sobre o atuar dos profissionais da saúde na inclusão. *Inc Soc* [Internet]. 2011 [acesso em 15 abr 2017]; 4(2):82-90. Disponível em: URL: <<http://revista.ibict.br/inclusao/article/view/1658/1864>>.
22. Acselrad H, Mello CCA, Bezerra GN. *O que é justiça ambiental*. Rio de Janeiro: Garamond; 2009.
23. Augusto LGS, Carneiro RM, Martins PH, organizadores. *Abordagem ecossistêmica em saúde: ensaios para o controle da dengue*. Recife: UFPE; 2005.
24. Lebel J. *Salud un enfoque ecosistémico*. Bogotá: IDRC; 2005.
25. Organização Pan-Americana da Saúde. *Enfoques ecossistêmicos em saúde: perspectivas para sua adoção no Brasil e países da América Latina* [Internet]. Brasília: OPAS; 2009 [acesso em 12 mar 2015]. Disponível em: URL: <[http://www.paho.org/bra/index.php?option=com\\_docman&task=doc\\_view&gid=158&Itemid=828](http://www.paho.org/bra/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=158&Itemid=828)>.
26. F Charron D, editora. *La investigación de ecosalud en la práctica: aplicaciones innovadoras de un enfoque ecosistémico para la salud*. Madrid: Plaza y Valdés; 2014.
27. F Charron D, editora. *Ecohealth research in practice: innovative applications of an ecosystem approach to health* [Internet]. Ottawa: IDRC; 2012. Disponível em: URL: <<http://scholar.google.com/r?hl=en&btnG=Search&q=intitle:Ecohealth+research+in+practice.+Innovative+applications+of+an+ecosystem+approach+to+health.#0>>.
28. Minayo MCS, Miranda AC. *Saúde e ambiente sustentável: estreitando nós*. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2002. p. 173-89.
29. Lefèvre F, Lefèvre AM. *Pesquisa de representação social: um enfoque qualiquantitativo*. Brasília: Liber Livro; 2010.
30. Santos MOS. *Análise crítica do discurso da mídia impressa sobre a saúde e o ambiente no contexto de instalação da refinaria de petróleo em Suape-PE* [Internet]. Recife. Dissertação [Mestrado em Saúde Pública] - Fundação Oswaldo Cruz; 2011 [acesso em]. Disponível em: URL: <<http://www.cpqam.fiocruz.br/bibpdf/2011santos-mos.pdf>>.
31. Correia M. *Sindipetro denuncia a Refinaria Abreu e Lima*. *FolhaPE* [Internet] 2017 mar 24 [acesso em]. Disponível em: URL: <<http://www.folhape.com>>.

br/economia/economia/economia/2017/03/23/nws,22019,10,550,economia,2373-sindipetro-denuncia-refinaria-abreu-lima.aspx>.

32. Hazin FHV, Afonso AS, Castilho PC, Ferreira LC, Rocha BCLM. Regional movements of the tiger shark, *Galeocerdo cuvier*, off northeastern Brazil: inferences regarding shark attack hazard. An Acad Bras Ciênc [Internet]. 2013 [acesso em 7 maio 2017]; 85(3):1053-62. Disponível em: URL: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0001-37652013000301053&lng=en&tlng=en](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0001-37652013000301053&lng=en&tlng=en)>.

33. YouTube [Internet]. Suape: desenvolvimento para quem? [acesso em]. Disponível em: URL: <<https://www.youtube.com/watch?v=xargRbGpSql>>.

34. Santos MOS. Vulneração e injustiças ambientais na determinação social da saúde no território de Suape/Pernambuco, Brasil. 2017. Tese (Doutorado em Saúde Pública) - Instituto Aggeu Magalhães, Fundação Oswaldo Cruz, Recife, Pernambuco, 2017.

35. Freire P. Educação e mudança. 26. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

36. Buss P.M, Carvalho AI. Desenvolvimento da promoção da saúde no Brasil nos últimos vinte anos (1988-2008). Ciência & Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 14, n. 6, p. 2305-2316, 12 2009.

37. Bergala A. A hipótese-cinema: Pequeno tratado de transmissão do cinema dentro e fora da escola. Rio de Janeiro: Booklink; UFRJ, 2008.

*Correspondência para/Reprint request to:*

**Mariana Olívia Santana dos Santos**

*Campus da UFPE,*

*Av. Prof. Moraes Rego, s/n,*

*Cidade Universitária, Recife /PE, Brasil*

*CEP: 50670-420*

*E-mail: marianaxolivia@gmail.com*

Recebido em: 01/07/2017

Aceito em: 14/11/2017